

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

RODRIGO KINCHECKI

CIDADE [RE]VISITADA:

A 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis e a Educação Ambiental Não Formal

São José

03/05/2022

RODRIGO KINCHECKI

CIDADE [RE]VISITADA:

A 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis e a Educação Ambiental Não Formal

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase na formação de professores do Campus São José do Instituto Federal de Santa Catarina para obtenção do diploma de Especialista em Educação Ambiental.

Orientadora: Sandra Albuquerque Reis Fachinello.

São José

03/05/2022

RESUMO

O estudo teve como tema a Maratona Fotográfica de Florianópolis, cujas imagens fotográficas expõem vários olhares sobre a cidade. Definiu-se como objeto de estudo as vinte fotografias eleitas como melhores e presentes no catálogo da 25ª edição do evento cujo tema foi “cidade [re]visitada”. O objetivo deste estudo foi desvelar a Maratona Fotográfica de Florianópolis como agente de Educação Ambiental não formal, elucidando relações com temas transversais (ambientais, culturais, sociais, étnicos, econômicos e políticos) associados à Educação Ambiental. Para tanto, utilizou-se do seguinte percurso: revisão bibliográfica conectando as teorias estudadas ao longo das Unidades Curriculares do curso de especialização e elaboração de esquemas com debates com a orientadora; análise das imagens fotográficas que formam o recorte da pesquisa, com o pensamento de Roland Barthes e classificação por temas ambientais e culturais com a descrição formal das mesmas para destacar elementos que constituem conexões com os temas, além de uma entrevista com o curador da exposição de abertura do evento e discussões com teóricos. A pesquisa viabilizou o acesso a um vasto cenário de análise e identificação de temas transversais presentes nas imagens fotográficas objeto do estudo, resultando na confirmação da amplitude de alcance do evento para classificá-lo, efetivamente, como um agente de Educação Ambiental não formal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental. Análise da imagem. Fotografia. Ensino não formal.

ABSTRACT

The study had as its theme the *Maratona Fotográfica de Florianópolis*, whose photographic images expose several perspectives on the city. The object of study was defined as the twenty photographs chosen as the best and present in the catalog of the 25th edition of the event whose theme was “[re]visited city”. The objective of this study was to unveil the *Maratona Fotográfica de Florianópolis* as an agent of non-formal Environmental Education, elucidating relationships with transversal themes (environmental, cultural, social, ethnic, economic and political) associated with Environmental Education. For that, the following route was used: bibliographic review connecting the theories studied throughout the Curricular Units of the postgraduate and elaboration of schemes with debates with the supervisor; analysis of the photographic images that form the research clipping, with the thought of Roland Barthes and classification by environmental and cultural themes with a formal description of the same to highlight elements that constitute connections with the themes, in addition to an interview with the curator of the opening exhibition of the event and discussions with theorists. The research provided access to a vast scenario of analysis and identification of transversal themes present in the photographic images object of the study, resulting in the confirmation of the breadth of reach of the event to classify it, effectively, as an agent of non-formal Environmental Education.

KEYWORDS: Environmental education. Image analysis. Photography. Non-formal teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Esquema das reflexões que guiaram os passos iniciais da pesquisa, acerca da transversalidade da Educação Ambiental formal e não formal.....	14
Figura 2 – Esquema de hibridização de núcleos rígidos de campos da arte.....	15
Figura 3 – Capa do catálogo da 25ª edição da Maratona Fotográfica de Florianópolis. Tema: Cidade [re]visitada.....	20
Figura 4 – Fotografias Grupo 1.....	25
Figura 5 – Fotografias Grupo 2.....	27
Figura 6 – Fotografias Grupo 3.....	29
Figura 7 – Fotografias Grupo 4.....	31
Figura 8 – Fotografias Grupo 5.....	33
Figura 9 – Fotografias Grupo 6.....	35

QUADROS

Quadro 1 – A Educação Ambiental como assunto relevante.....	11
Quadro 2 – As ações do poder público e sua relevância para a Educação Ambiental.....	12
Quadro 3 – Grupos de discussões de fotografias (FXX).....	22
Quadro 4 – Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 1.....	25
Quadro 5 – Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 2.....	27
Quadro 6 – Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 3.....	30
Quadro 7 – Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 4.....	32
Quadro 8 – Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 5.....	33
Quadro 9 – Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 6.....	35

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA	9
2.1 Educação Ambiental	9
2.2 Ensino Não Formal	13
2.3 Fotografia	16
2.4 A Maratona Fotográfica de Florianópolis	18
2.4.1 A Ilha de Santa Catarina como a cidade do evento	18
2.4.2 O surgimento da maratona, seu contexto e o percurso até a 25ª edição	19
2.4.3 A 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis, sua exposição de abertura e seu Catálogo	19
3 METODOLOGIA	21
4 ANÁLISE DAS VINTE MELHORES IMAGENS FOTOGRÁFICAS DO EVENTO	24
4.1 Grupo 1 = Expansão Urbana - Segregação Racial, Social e Econômica (Fotos: 01, 07 e 15)	24
4.1.1 Prefácio: A imensidão da cidade - uma visão do morro. Desafiante e/ou assustador?	25
4.1.2 Análise das Imagens do Grupo 1	25
4.2 Grupo 2 = Mares, Rios, Lagos e Lagoas – Acesso à Natureza (Fotos: 02 e 14)	27
4.2.1 Prefácio: Meio ambiente natural preservado e em convívio sustentável com o ser humano... Realidade ou utopia?	27
4.2.2 Análise das Imagens do Grupo 2	27
4.3 Grupo 3 = Acesso à Cidade – Usufruto do Espaço Público (Fotos: 03, 09, 17, 18 e 19)	29
4.3.1 Prefácio: Liberdade de expressão e exercício cultural no espaço urbano. O direito de ser quem sou na cidade parte de mim	29
4.3.2 Análise das Imagens do Grupo 3	30
4.4 Grupo 4 = “Selva de Pedra” – Aquecimento Global (Fotos: 05 e 11)	31
4.4.1 Prefácio: Cada vez mais os seres humanos estão envolvidos pelas peças de concreto. Até quando as belezas naturais serão reais? Tornar-se-ão apenas lembranças?	31
4.4.2 Análise das Imagens do Grupo 4	32
4.5 Grupo 5 = Rastros da Memória – Realidades Individuais (Fotos: 12, 13 e 20)	33

4.5.1 Prefácio: As verdades de cada ser humano e a falta de empatia; o consequente isolamento e esquecimento.....	33
4.5.2 Análise das Imagens do Grupo 5	34
4.6 Grupo 6 = Patrimônio Material e Imaterial (Fotos: 04, 06, 08, 10 e 16)	34
4.6.1 Prefácio: O respeito à cultura. O patrimônio material e imaterial preservados para quê e para quem?	35
4.6.2 Análise das Imagens do Grupo 6	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE A	43
APÊNDICE B	46

1 INTRODUÇÃO

A partir dos questionamentos, discussões e reflexões que tive a oportunidade de realizar nas Unidades Curriculares que compõem o curso de especialização em Educação Ambiental com Ênfase na Formação de Professores¹, aliados às percepções pessoais do espaço urbano em minha cidade natal (Florianópolis), e de minha trajetória acadêmica iniciada pela graduação em engenharia civil e posterior experiência docente no mesmo curso, faço algumas reflexões para experimentar e para [re]visitar a cidade que habito pelo tema da pesquisa aqui apresentada.

A fotografia sempre esteve presente em meus pensamentos. Minha atração com o aporte da fotografia vem de seu poder de “congelar” um momento, uma situação, um lugar, uma transformação. Ela resgata e provoca emoções. Mobiliza encontros de pessoas e fatos e aponta novos caminhos deixando rastros temporais. Com este foco, a fotografia se apropria do sujeito, do espaço e do tempo atuando como instrumento de sensibilização política, social, ambiental e cultural.

Não por acaso, quando essa minha percepção da fotografia (constituída pela trajetória vivida) se depara com as leituras e reflexões realizadas sobre o “campo expandido da arte” e a “educação ambiental”, meus devaneios tornam a fazer sentido.

Comparando com a força de uma “bomba de sementes”, que é lançada de uma grande altura e literalmente pulveriza de sementes áreas inicialmente e aparentemente impenetráveis, a Educação Ambiental traz à tona seu caráter transversal transformador.

Diante deste panorama, minha percepção de escopo de atuação da Educação Ambiental formal rompe seus limites prévios possibilitando estabelecer várias relações externas (não formais), ou melhor, possibilitando ampliar as conexões entre vários campos de investigação remetendo à visão de campo ampliado ou campo expandido da arte de Krauss² e ao pensar de Machado³ sobre a convergência e divergência dos campos da arte, da essência existente em cada campo (núcleos rígidos) e seu poder de hibridização.

¹ Curso oferecido pelo Instituto Federal de Santa Catarina – Campus São José (semestre 2020.1).

² Rosalind Krauss: Crítica de arte contemporânea e historiadora da arte.

³ Arlindo Machado: Pesquisador e curador de arte (1949-2020).

Como resultado dessa imersão, a arte da fotografia se mostra capaz de ser um instrumento de Educação Ambiental quando seu núcleo de campo se hibridiza com o núcleo de campo da educação crítica não formal. Este instrumento ganha força quando é usado de forma temática, aglutinando os diversos olhares e as diversas verdades de cada fotógrafo.

Este é o caso da Maratona Fotográfica de Florianópolis, evento realizado anualmente que busca captar, pelos olhos dos participantes, os encantos e alguns dilemas enfrentados pela cidade no tempo e espaço. Assim, advém uma pergunta: pode-se então, desvelar o evento “Maratona Fotográfica de Florianópolis” como agente de Educação Ambiental não formal por meio da análise das vinte imagens fotográficas escolhidas como as melhores fotografias da 25ª edição do evento e perceber suas relações com temas transversais associados à Educação Ambiental (sociais, ambientais, culturais, étnicos, econômicos e políticos)?

Para responder esta pergunta será necessário perpassar por algumas etapas específicas, apresentadas abaixo:

- Refletir sobre os conceitos acerca da Educação Ambiental (formal e não formal), da leitura de imagens fotográficas e da expansividade dos campos da arte.
- Analisar a história do evento “Maratona Fotográfica de Florianópolis”, sua criação, seu contexto e suas transformações até a 25ª edição do ano de 2019.
- Realizar a análise das vinte melhores imagens fotográficas selecionadas pelo evento no catálogo da 25ª edição da Maratona Fotográfica de Florianópolis - Tema: “cidade [re]visitada”, identificando nelas a sua articulação com os temas transversais da Educação Ambiental.
- Entrevistar o curador da exposição de abertura do evento intitulada “O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis” como forma de obter a sua visão do evento frente aos temas transversais da Educação Ambiental.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Ambiental

A incansável busca pelo conhecimento e por meios eficazes para seu compartilhamento norteiam o caminho dos atores envolvidos com a educação, seja ela formal ou não formal. Torna-se um desafio para professores, docentes e entusiastas pelo “saber” dispor do senso de equidade necessário aos diversos cenários educacionais do país.

O Brasil é um país de dimensões continentais e as realidades sociais de cada Estado, Município e comunidades são extremamente distintas. Essas realidades se refletem diretamente nas deficitárias condições físicas e estruturais disponibilizadas para prática docente e nas precárias condições sociais e ambientais que os discentes enfrentam diariamente.

O engajamento de professores, alunos e suas famílias em prol da educação acaba por construir uma rede de “saberes” onde a realidade (cultural, social e ambiental) de cada aluno possa ser respeitada, reconhecida e discutida.

Assim, ao pensar em uma educação que possa alcançar a todos com um poder transformador do ser humano ao estado de cidadão de seu mundo local e de um mundo global, desvela-se a Educação Ambiental; crítica, social, econômica: política.

Reigota⁴ (2010), é minucioso quando esclarece que

A educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora, das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética (REIGOTA, 2010, p.15).

⁴ Marcos Reigota: Doutorado pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e da graduação em Filosofia da Uniso. Membro honorário da Academia Nacional de Educação Ambiental do México. Referência na pesquisa e disseminação de tudo que envolve a Educação Ambiental.

Em um ambiente de educação formal, Torres⁵ (2010), complementa os atributos críticos da Educação Ambiental destacando

[...] o enfoque humanista, democrático e participativo; a perspectiva transdisciplinar, crítica e problematizadora; a contextualização; a consideração da concepção globalizante de meio ambiente; a dimensão de sustentabilidade (envolvendo os aspectos sócio-econômico-culturais [sic]); o caráter permanente da Educação Ambiental como processo educativo; o pluralismo metodológico na perspectiva da interdisciplinaridade; a consideração da articulação entre as dimensões local e global; a produção e disseminação de materiais didático-pedagógicos e sua avaliação crítica (TORRES, 2010 - Resumo).

O conceito de Educação Ambiental, seus meandros e atributos é apresentado na literatura de forma singular pelos seus autores em função da visão sistêmica que o assunto requer. Esse alcance nasce a partir da necessidade de uma definição do termo *meio ambiente* que, na década de 1980, Reigota (2010) apresentou como sendo

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade (REIGOTA, 2010, p.36).

No cenário mundial, a questão ambiental tornou-se um assunto relevante a partir de 1968 quando a Organização das Nações Unidas (ONU) assumiu a responsabilidade por trazer à discussão o tema em evento posterior ocorrido em 1972 em Estocolmo, na Suécia. Pode-se dizer que neste momento o significado de Educação Ambiental, ou pelo menos, a função da educação voltada aos assuntos ambientais torna-se real e necessária.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promove na sequência (a partir de 1975, na então Iugoslávia) encontros internacionais acerca da temática educacional para o ambiente (Quadro 1).

⁵ Juliana Rezende Torres: Pós-doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba. Tem experiência na área de Educação em Ciências atuando em Abordagem Temática Freireana e Educação Ambiental Crítico-Transformadora (freireana).

Quadro 1 - A Educação Ambiental como assunto relevante

DATA E LOCAL	EVENTO	EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO ASSUNTO RELEVANTE
1968 Roma (Itália)	Clube de Roma	Colocou o problema ambiental em nível planetário onde a ONU aparece como responsável pelo evento seguinte.
1972 - ONU Estocolmo (Suécia)	1ª Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano	Pode-se considerar que neste evento surge o que convencionou-se chamar de Educação Ambiental . Uma resolução importante: deve-se educar o cidadão e a cidadã para a solução dos problemas ambientais.
1975 - UNESCO Belgrado (Iugoslávia)	Seminário da UNESCO	Definido os objetivos da Educação Ambiental . Reunião com participação de especialistas em educação, biologia, geografia e história.
1977 - UNESCO Tbilisi (Geórgia)	1º Congresso Internacional de Educação Ambiental	Neste evento apresentam-se os trabalhos acerca do tema Educação Ambiental realizados em vários países.
1983 - ONU	Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD	Com o objetivo de promover audiências em todo o mundo e produzir um resultado formal das discussões, o Relatório Brundtland forneceu subsídios temáticos para a Conferência das Nações Unidas realizada no Rio de Janeiro em 1992. É a partir deste livro que a noção de desenvolvimento sustentável se torna mais conhecida. Neste livro também se enfatiza a importância da Educação Ambiental para a solução dos problemas e busca de alternativas.
1987 - UNESCO URSS (Moscou)	2º Congresso Internacional de Educação Ambiental	Muitos especialistas presentes nesse encontro consideravam inútil falar em Educação Ambiental e em formação de cidadãos enquanto vários países (incluindo o anfitrião) continuavam a produzir armas nucleares e a viver sob regimes totalitários que impediam a participar dos cidadãos e das cidadãs nas decisões políticas.
1992 - ONU Rio de Janeiro (Brasil)	Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (RIO-92)	Agenda XXI - promoção da Educação Ambiental e o Tratado sobre Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis.
1997 - UNESCO Thessaloniki (Grécia)	Conferência Internacional da UNESCO sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade	Discussão sobre movimento inicial de mudança de nome Educação Ambiental para "educação para o desenvolvimento sustentável". Por outro lado, é com a denominação Educação Ambiental que no Brasil e na América Latina que essa perspectiva pedagógica e política tem aglutinado militantes, educadores e educadoras, professores e professoras conquistado espaço nos órgãos públicos, universidades e movimentos sociais. Ao mantermo-nos fiéis à Educação Ambiental não abdicamos de nossa história para abraçar outra, da qual seríamos apenas receptores e não sujeitos.
2002 - ONU Johannesburgo (África do Sul)	Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (RIO+10)	A Educação Ambiental esteve presente nos discursos e documentos e principalmente se fez presente por meio das ações concretas de muitas pessoas, cidadãos e cidadãs do mundo em diferentes regiões do planeta. Possibilitou aos cidadãos e cidadãs do continente africano uma participação ativa, expondo as mazelas em que vivem, como as inúmeras guerras civis, o imenso número de pessoas contaminadas com o HIV, a poluição da água e do ar, o analfabetismo e a pobreza extrema de grande parte da população.

Fonte: Reigota (2010, p.21-31). Adaptada pelo autor.

A Educação Ambiental surge com uma importância elementar para a transformação do ser humano, parte integrante de “um todo”, algo maior e essencial, e não mais se autointitulando “o todo”. Esta postura anti antropocêntrica, aparentemente simples ou meramente conceitual, revoluciona a forma de pensar o meio ambiente e a Educação Ambiental. Trabalhar a Educação Ambiental como elemento transversal nos currículos escolares; trazer para a sala de aula aspectos globais e do cotidiano do aluno foi um processo de muitos anos.

O Quadro 2 organiza alguns pontos decisivos nessa aproximação da Educação Ambiental com o currículo formal.

Ações advindas do poder público, a partir de 1988 com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, demonstram a preocupação e o comprometimento com a Educação Ambiental para a sociedade; sua divulgação e aplicação no âmbito da educação formal e não formal.

Quadro 2 - As ações do poder público e sua relevância para a Educação Ambiental

AÇÕES DO PODER PÚBLICO	RELEVÂNCIA
Constituição da República Federativa do Brasil de 1988	"[...] destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias [...]".
Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996	Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. "Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. § 7º A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput."
Parâmetros Curriculares Nacionais - Meio Ambiente (1997/1998)	"[...] vê-se a importância de incluir Meio Ambiente nos currículos escolares como tema transversal, permeando toda prática educacional. É fundamental, na sua abordagem, considerar os aspectos físicos e biológicos e, principalmente, os modos de interação do ser humano com a natureza, por meio de suas relações sociais, do trabalho, da ciência, da arte e da tecnologia."
Lei 9.795, de 27 de abril de 1999	Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. "Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal."
Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012	Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental . "As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica em todas as suas etapas e modalidades reconhecem a relevância e a obrigatoriedade da Educação Ambiental . Art. 2º A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental. Art. 3º A Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído. Art. 4º A Educação Ambiental é construída com responsabilidade cidadã, na reciprocidade das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. Art. 5º A Educação Ambiental não é atividade neutra, pois envolve valores, interesses, visões de mundo e, desse modo, deve assumir na prática educativa, de forma articulada e interdependente, as suas dimensões política e pedagógica. Art. 6º A Educação Ambiental deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino."
Base Nacional Comum Curricular (2018)	Documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagem essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Fonte: Adaptada pelo autor com base em conteúdo da Unidade Curricular de Práticas Educativas em Educação Ambiental e Currículo e Educação Ambiental, ambas do curso de Educação Ambiental com ênfase na formação de professores.

2.2 Ensino Não Formal

Conforme apresentado por Gohn (2006, p. 31), espera-se alguns resultados específicos para cada um dos três tipos de educação existentes, ou seja, para a educação formal, a aprendizagem e a titulação; para a educação informal, os resultados acontecem a partir da visão do senso comum; porém, em uma educação não formal, há o desenvolvimento de vários processos.

Ao iniciar a pesquisa apresentada neste artigo, concentrei-me em analisar as características de transversalidade e interdisciplinaridade atribuídas à Educação Ambiental formal.

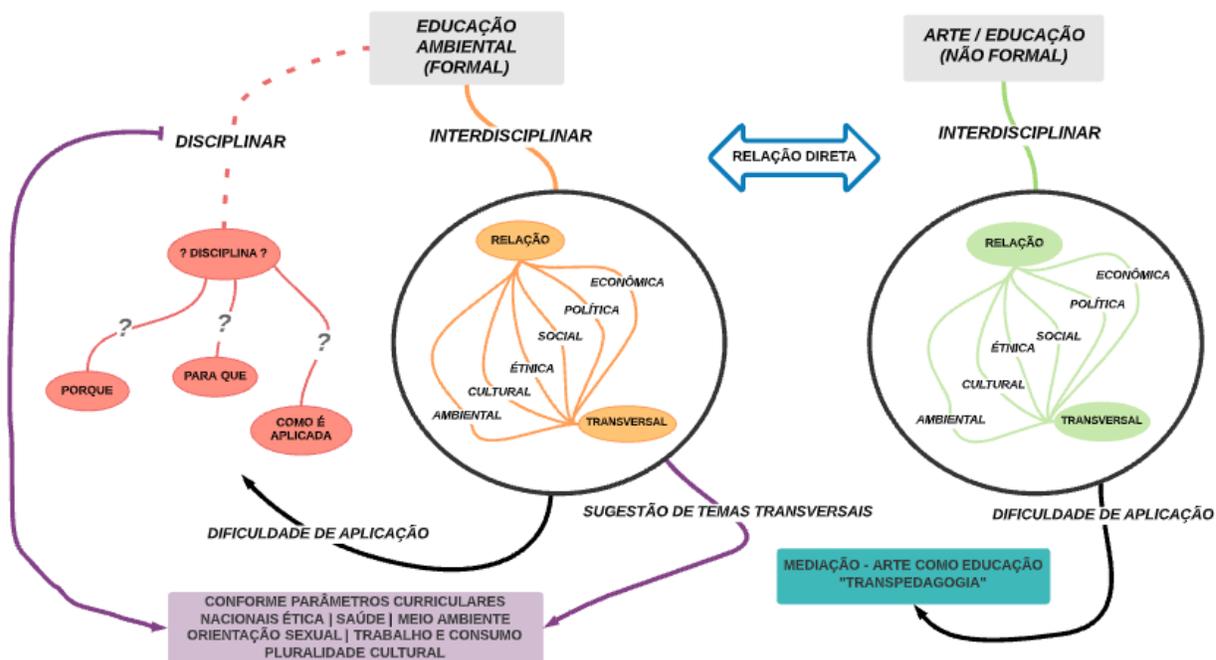
A intenção da pesquisa, inicialmente, era verificar se não seria pertinente instituir uma disciplina específica como forma de ampliar o entendimento e o alcance da Educação Ambiental visto as dificuldades encontradas pelos docentes em ampliar/conectar o assunto nas disciplinas e cursos existentes, e a dificuldade de identificação dos alunos de sua existência pelo caráter transversal.

Tal iniciativa fazia oposição ao que determina a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, em seu décimo artigo, parágrafo primeiro, determinando que “a educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”. Proposição indicada, mas de difícil efetivação.

A evolução no andamento da pesquisa bibliográfica demonstrou que, inclusive nas metodologias de arte/educação aplicadas em ambiente não formal, era clara a necessidade de alguma mediação para o estímulo da reflexão acerca de assuntos apresentados, o que Helguera⁶ (2011, p. 6) chamou de “transpedagogia, ou arte como educação” (Figura 1).

⁶ Pablo Helguera: Artista, performer, autor e educador. De 2007 a 2020 foi Diretor de Programas Acadêmicos e Adultos no Museu de Arte Moderna de Nova York.

Figura 1 - Esquema das reflexões que guiaram os passos iniciais da pesquisa, acerca da transversalidade da Educação Ambiental formal e não formal



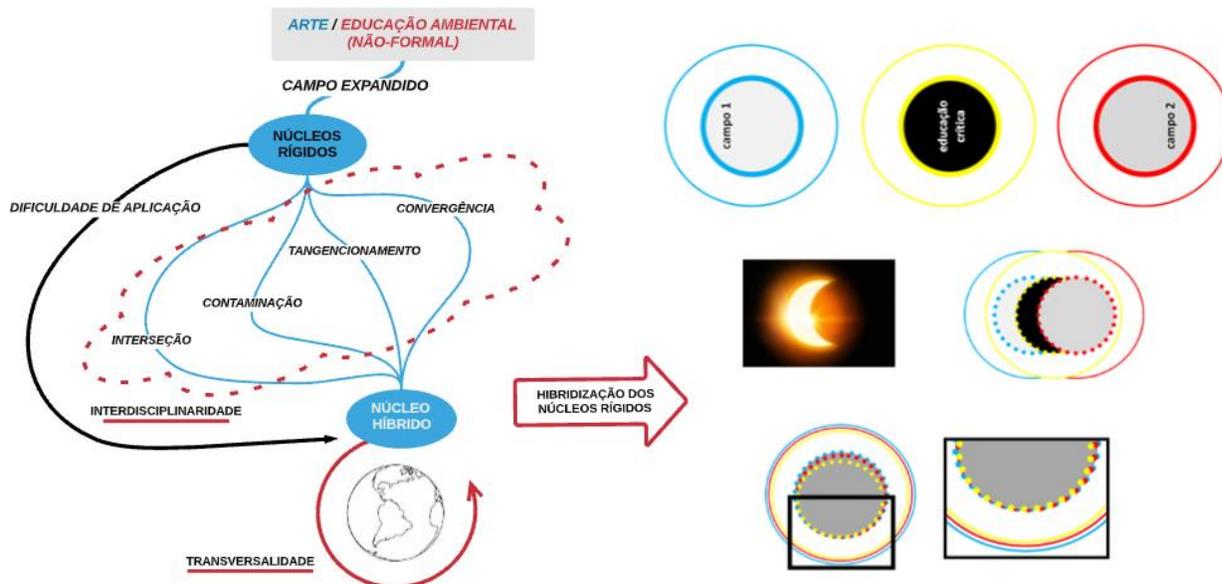
Fonte: Elaborada pelo autor

Atento a uma das características estimulantes da arte, que é não se ater à rigidez ou limites, explorei o pensamento de Krauss que, analisando a característica modernista “*escultura*”, alerta para o campo ampliado da arte gerado pela problematização do conjunto de oposições, entre as quais aquela está localizada (KRAUSS, 1984). Ou seja, em uma transposição para esta pesquisa, a Educação Ambiental resulta da força da educação crítica, transformada em um campo ampliado pelo mundo das artes. “Um deles diz respeito à prática dos próprios artistas; o outro, à questão do meio de expressão.” (KRAUSS, 1984, p. 136). Trânsitos opostos na “nuvem” da interdisciplinaridade e no “universo” da transversalidade (Figura 2).

Quando analisei o campo da arte e sua expansão, busquei o conceito de “núcleo rígido”, ou “núcleo duro” apresentado por Machado, onde a essência de cada campo (teatro, música, fotografia) apesar de isolada não é inerte. Seus respectivos campos divergem e convergem constantemente, gerando reflexo em suas essências (MACHADO, 2019).

À medida que os campos da arte ampliam seu movimento de convergência e há uma aproximação de núcleos rígidos (essências) ocorre, em algum momento, um “eclipsamento”, um escurecimento do ponto de vista do sujeito que observa a substância. Porém, as partículas que formam individualmente cada campo estão em movimento na constante busca de espaço. Nesse limiar quase imperceptível ou espaço interminável⁷, as partículas se atraem e se complementam em uma hibridização de núcleos rígidos criando uma interdisciplinaridade de campos da arte onde a contribuição da educação crítica transforma completamente o cenário, trazendo à tona o caráter transversal da Educação Ambiental não formal (Figura 2).

Figura 2 - Esquema de hibridização de núcleos rígidos de campos da arte



Fonte: Elaborada pelo autor

Neste mar de conceitos percorrido defini, como campo da arte, a fotografia para estruturar minha pesquisa.

⁷ “Nem objeto nem sujeito, nem tela nem projétil, o **subjéttil** [grifo do autor] pode tornar-se tudo isso, estabilizar-se sob essa ou aquela forma ou mover-se sob qualquer outra.” (DERRIDA; BERGSTEIN, 1998, p. 45).

2.3 Fotografia

Machado (2019, p. 13) destaca que “a fotografia em particular, desde os primórdios de sua prática, tem sido conhecida como o ‘espelho do mundo’, só que um espelho dotado de memória”. Ainda sobre a fotografia, Sontag⁸ (2004) apresenta a força de como ela se impõe perante as várias esferas da arte.

A fotografia não é apenas uma imagem (como a pintura é uma imagem), uma interpretação do real; ela é também um traço, algo diretamente gravado pelo real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. Enquanto a pintura, mesmo aquela que conhece os padrões fotográficos de analogia, não é nada mais do que uma declarada interpretação, uma fotografia se restringe ao registro de uma emanção (ondas de luz refletidas por objetos) – um vestígio material de seu objeto em uma forma que nenhuma pintura pode reconstituir (SONTAG, 2004, p. 29).

A fotografia tem o poder de identificar e “congelar” momentos isolados e situações ampliadas, algumas vezes inimagináveis e imperceptíveis; a sensação ou ímpeto de descobri-las estimulou a sua escolha como linguagem de análise.

Entre alguns de seus ensaios, Benjamin⁹ (2012, p. 115) aborda a arte da fotografia e expõe que “já se disse que ‘o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar’”.

Sebastião Salgado¹⁰, quando questionado pelo jornal *El País* (Argentina) sobre se a fotografia segue sendo a ferramenta mais poderosa de alerta para a importância de conservar o meio ambiente e patrimônio cultural humano, respondeu que não acredita que seja a principal; a fotografia é um instrumento. Segundo Salgado (2020), “a fotografia, só, não fará nada, mas a fotografia é um destes instrumentos que levam a informação às pessoas e que permitem às pessoas participarem de alguma forma”.

⁸ Susan Sontag: Escritora, ensaísta, cineasta, filósofa, professora, crítica de arte e ativista (1933-2004).

⁹ Walter Benjamin: Ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo (1892-1940).

¹⁰ Sebastião Salgado: Fotógrafo brasileiro reconhecido mundialmente pelo trabalho de teor social. Autor de livros como *Terra* (1997), *Êxodos* (2000), *Gênesis* (2013) e *Amazônia* (2021).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Kossoy¹¹ (ANIC, 2020), expõe que “ela [a imagem fotográfica], juntamente com o texto, com a leitura, com a cultura, com o conhecimento, ela se compõe. Então é uma composição”.

Para Kossoy, essa composição apresenta duas realidades, duas verdades;

A primeira está ali, aconteceu, é o momento do ato ou do fato ocorrendo. A segunda é a realidade da representação, que nós tomamos como um documento. Fotografia não é só um registro. O registro não acontece de forma autônoma, ele é produto de um processo criativo e construtivo. A fotografia não é a realidade, ela não substitui a realidade, mas ela informa quanto mais cultura e repertório tiver o receptor (ANIC, 2020).

Feijó¹² (DESCONDICIONAMENTO, 2017) afirma que “todo observador é um coautor da imagem”. Segundo ele, além dos atos que formam o tripé da fotografia (a parte técnica - o equipamento; a parte complexa e subjetiva - o olhar do fotógrafo, e o produto das duas primeiras - resultado para regozijo do autor), o fotógrafo é generoso apresentando “outra possibilidade do observador pensar, de ele ser ele olhando a fotografia; ela [fotografia] se amplia (não no tamanho) na sabedoria e na cultura do observador”.

O fotógrafo capta a imagem propiciando ao observador uma posição questionadora de sua arte, como explica Montrezol¹³ (2013):

O fato é, porque essa imagem? Por que esse clique? O que ele diz? Aonde ele quer chegar? Aonde ele quer te levar? Esse enigma faz com que você fique mais tempo pensando na conotação. Pensando no seu universo. Esse enigma faz você viajar nesse mundo [...] Faz você identificar com seu vocabulário imagético primeiro e em segundo lugar faz você conectar com as suas emoções. Então a realidade pouco importa. O que importa é a informação. O que importa é o que a imagem provoca. (CPBR6, 2013).

¹¹ Boris Kossoy: Fotógrafo, teórico e historiador da fotografia. Mestre e doutor pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e professor do programa de pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Entrevista concedida em 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/conversas/a-realidade-da-imagem-nao-e-a-do-fato/>.

¹² Cláudio Feijó: Fotógrafo com formação em pedagogia e psicologia. Consultor criador do curso “Descondicionamento do Olhar” e mentor fotográfico no programa Arte na Fotografia do canal por assinatura Arte1.

¹³ Alyson Montrezol: Fotógrafo e Cineasta com formação em comunicação social, é especialista em psicopedagogia, professor universitário e coordenador dos Laboratórios de Imagem e Som na Universidade São Judas Tadeu/SP.

A fotografia possui a função de ser um “meio” e não um “fim”, ou seja, seu caráter informativo e elucidativo incita a reflexão sobre temas diversos e não poderia ser diferente em relação à Educação Ambiental. Na imagem captada pelo fotógrafo, é ofertada uma gama enorme de signos que podem desvelar-se solitariamente ou em composição, proporcionando, em uma leitura atenta, a tradução de realidades, correlações e alertas ambientais, culturais, sociais, econômicos, etc. Para a presente pesquisa, os temas transversais característicos da Educação Ambiental, se entrelaçam e se comunicam com o fotógrafo e com os sujeitos que observam a imagem transformada e que também transforma, provocando a discussão, a análise crítica e ações que podem mudar o mundo em que vivemos.

2.4 A Maratona Fotográfica de Florianópolis

2.4.1 A Ilha de Santa Catarina como a cidade do evento

Conforme Veiga¹⁴ (2010, p. 339), “a cidade é um lugar artificial onde a história processa-se”. Florianópolis, inicialmente Nossa Senhora do Desterro¹⁵, é minha cidade natal e nela continuo vivendo e acompanhando as nuances de seu “crescimento”. Inevitavelmente, nesse período, transformações arquitetônicas e ambientais acabaram mudando as paisagens urbanas da ilha. Apesar disso, “entende-se a ilha como um território múltiplo, polinucleado, com superposições de tempos históricos e culturas diversificadas” (YUNES¹⁶, 2012, p. 124). Além de suas mais de quarenta praias e belezas naturais, “atualmente Florianópolis preserva importante acervo arquitetônico de valor cultural, que alcança mais de 600 edificações históricas tombadas, incluindo o Centro do município e os demais distritos” (VEIGA, 2019, p. 310).

¹⁴ Eliane Veras da Veiga: Mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Arquiteta planejadora da área de patrimônio material imóvel. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Casa dos Açores Santa Catarina. Trabalhou na Fundação Cultural Franklin Cascaes - Casa da Memória, como técnica pesquisadora em memória e patrimônio cultural (1995 a 2014).

¹⁵ “A fundação efetiva da póvoa de Nossa Senhora do Desterro ocorreu por iniciativa do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, que partiu de São Paulo a 18 de abril de 1628 [...]” (BOITEUX, 1931, apud, VEIGA, 2010, p. 31).

¹⁶ Gilberto Sarkis Yunes: Pós-doutorado junto a *Università degli Studi di Napoli Federico II*, Itália, como professor convidado do Programa *Erasmus Mundus / MaCLands*, Master em Paisagens Culturais.

2.4.2 O surgimento da maratona, seu contexto e o percurso até a 25ª edição

A Maratona Fotográfica tornou-se referência como um dos mais antigos concursos fotográficos do Brasil. O evento nasceu em 1995 inspirado em eventos semelhantes que ocorriam em países como Portugal e Espanha acontecendo na cidade de Florianópolis de 1995 até 2019 (quando completou 25 anos de existência) e somente interrompeu seu curso em função da pandemia de COVID-19, que cancelou os eventos dos anos de 2020 e 2021.

Como características do evento, Abreu¹⁷ e Nunes¹⁸ (2019), no catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis expõem que

ao longo de sua existência manteve-se a modalidade analógica, a obrigatoriedade dos registros dos temas na ordem e a sua realização próxima aos festejos de aniversário da cidade, isso tudo garantindo o seu compromisso com o registro da memória e fortalecimento do acervo de imagens da ilha de Santa Catarina. [...] Buscando trazer para a Maratona Fotográfica um caráter formativo e educativo, em 2014, a faixa etária da modalidade infanto-juvenil é ampliada até os 17 anos, havendo a inclusão de palestras no dia e local de abertura; e a partir de 2016, passou-se a produzir um catálogo para cada edição do concurso (ABREU; NUNES, 2019, p. 8).

O acervo dos eventos anuais (as fotografias participantes) é rico em qualidade e pouco explorado, o que motivou a definição de um recorte do mesmo como objeto desta pesquisa. Segundo Abreu (2022), o acervo possui mais de mil fotos e está organizado e catalogado na Casa da Memória (espaço de pesquisa etnográfica que trabalha com o patrimônio imaterial de Florianópolis) mantida pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes – Fundação Catarinense de Cultura¹⁹.

2.4.3 A 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis, sua exposição de abertura e seu Catálogo

¹⁷ Anderson Carlos Santos de Abreu: Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor colaborador vinculado ao Centro de Ciências da Educação e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Catarina. Responsável pela curadoria da exposição de abertura do evento intitulada “O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis”.

¹⁸ Sandra Conceição Nunes: Coordenadora da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis e responsável pelo projeto e coordenação do catálogo do evento. Participou também da Comissão Organizadora e Julgadora.

¹⁹ Fonte: entrevista realizada com Anderson por e-mail em 11 fev. 2022 (APÊNDICE A).

A 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis foi realizada nos dias 30 e 31 de março de 2019, período em que os participantes tiveram 30 horas para os registros fotográficos.

Nesta edição comemorativa, como forma de desenvolver a memória da Maratona Fotográfica e no ensejo de celebrar e abrir os trabalhos da 25ª edição do concurso, tivemos a exposição 'O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis', a qual contou com a curadoria de Anderson Carlos Santos de Abreu, na Casa da Memória. A exposição visou evidenciar os 25 anos de imagens fotográficas sobre o patrimônio material e imaterial no itinerário histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis. Assim como no exercício estético e histórico da exposição acima, a comissão do concurso propôs retomar alguns dos subtemas fotográficos em edições anteriores, para que fossem feitos novos registros, ou seja, **[re]visitados** (grifo do autor) pelos inscritos nesta edição, uma vez que a cidade está em constante transformação e cada olhar sobre ela é particular (ABREU; NUNES, 2019, p. 8).

O Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis²⁰ (Figura3), além das imagens premiadas, é composto por depoimentos do então prefeito da cidade Gean Loureiro e pela Superintendente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, Roseli Pereira. Apresenta ainda um breve histórico da maratona, desde sua criação até esta edição, elaborado por Abreu e Nunes, além de depoimentos de alguns fotógrafos participantes premiados no evento.

Figura 3 – Capa do catálogo da 25ª edição da Maratona Fotográfica de Florianópolis. Tema: Cidade [re]visitada



Fonte: Catálogo eletrônico - 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

²⁰ Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/maratonafotografica/pdf/catalogo_maratona_25.pdf

3 METODOLOGIA

Como objeto de partida na busca de desvelar a Maratona Fotográfica de Florianópolis como agente de Educação Ambiental, tem-se o catálogo de sua vigésima quinta edição composta por 74 fotografias dos fotógrafos vencedores do evento, divididas em conjuntos de ganhadores na modalidade Analógica e Digital (categorias 1, 2 e infantojuvenil). Além das categorias citadas, o evento promoveu a escolha das vinte melhores fotografias premiando as imagens que se destacaram independentemente de categoria e subtema.

Meu entendimento foi que estas vinte imagens poderiam ser objeto de análise com um olhar mais atento e ponderado contemplando uma diversidade etária e temática sem categoria definida, com menos predefinições; um olhar de quem passa e encontra sem ter buscado.

Ficou definido então, conforme Marconi e Lakatos (2003), um caminho, entendido como um método, sendo ele o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 83).

Posto isso, as etapas definidas na metodologia para esta pesquisa estão apresentadas e descritas a seguir em sequência: revisão bibliográfica dos assuntos envolvidos na pesquisa, a definição dos temas transversais da Educação Ambiental considerados pontos de partida para análise das imagens fotográficas, a entrevista com o curador da exposição de abertura do evento, a descrição formal dessas imagens fotográficas e sua análise na busca de relações com os demais temas atribuídos à Educação Ambiental.

Explicitando estas etapas, realizei inicialmente uma revisão bibliográfica com fichamentos, elaboração de esquemas²¹ e debates com a orientadora do estudo acerca de assuntos classificados por mim como “hibridizantes” (fotografia, arte e educação crítica).

²¹ Alguns esquemas foram apresentados no item 2 Fundamentação Teórica (Figuras 1 e 2).

Na abordagem de análise de imagem, optei por não seguir um caminho teórico rígido²² conhecido para leitura de imagem, mas sim um exercício que busca o significado dos elementos e objetos, interpretando temas e conceitos no contexto cultural e histórico da imagem; assim se aproximando de uma leitura iconográfica. Ponderei também a proposta de Robert Ott²³ para a leitura de imagem de descrever, analisar, interpretar, fundamentar e revelar, como cita Rosa Iavelber (IAVELBER, 2003, p. 76). Ou ainda, como Analice Dutra Pillar considera, que ler é atribuir significado (PILLAR, 2006, p. 12).

Após esta aproximação com a teoria e seus autores, busquei a definição de como seria a interlocução com as imagens, com o objetivo de “identificação”, nas imagens fotográficas, de pontos/elementos visualmente presentes e que se conectam com os temas transversais da Educação Ambiental (ambientais, culturais, étnicos, sociais, políticos e econômicos) presentes na Figura 1. Estes temas transversais possuem amplo alcance (até mesmo pela intenção de amplas conexões no ambiente educacional), assim sendo, para que a presente pesquisa tivesse um caminho definido de análise, foram determinados/escolhidos dois temas transversais: ambiental e cultural criando seis grupos de imagens fotográficas (dentre as vinte escolhidas como as melhores) formados por aproximação de assuntos para uma melhor análise e apresentação dos resultados da pesquisa (Quadro 3).

É necessário expor que este não é o limite para uma análise visual, outros pontos serão verificados por outros sujeitos que as observam, pontos que se relacionam com outros temas transversais ou outras conexões possíveis.

Quadro 3 - Grupos de discussões de fotografias (FXX)

GRUPOS	AMBIENTAL	CULTURAL
GRUPO 1 = Expansão Urbana – Segregação Racial, Social e Econômica	F01 – F07 – F15	-
GRUPO 2 = Mares, Rios, Lagos e Lagoas – Acesso à Natureza	F02 – F14	-
GRUPO 3 = Acesso à Cidade – Usufruto do Espaço Público	F09	F03 – F17 – F18 – F19
GRUPO 4 = “Selva de Pedra” – Aquecimento Global	F05 – F11	-
GRUPO 5 = Rastros da Memória – Realidades Individuais	F12 – F13 – F20	-
GRUPO 6 = Patrimônio Material e Imaterial	-	F04 – F06 – F08 – F10 – F16

Fonte: Elaborado pelo autor.

²² Ana Mae Barbosa, Analice Dutra Pillar, Luciana Mourão Arslan, Maria Helena Martins e Rosa Iavelberg são grandes teóricas do ensino da arte que, dentre outros autores, sustentam a importância da imagem como ponto de construção de conhecimento pela leitura de imagens.

²³ Robert Ott: Professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, desenvolveu a metodologia *image watching* (olhando imagens) com o intuito de estruturar a relação do apreciador com a obra de arte.

A arte como ponto de conexão, pelo e com o sensível, é uma identificação de cada pessoa com seu tempo, suas experiências, seus repertórios. A educação da arte, com arte e pela arte, mesmo tendo um rastro de conceitos e conteúdos próprios bem estruturados, "permite" um olhar, um sentir, um perceber único, no instante de conexão de plenitude do sujeito com a obra, com o objeto.

Na tentativa de aproximar-me do entendimento desta conexão, entrei em contato com o responsável pela curadoria da exposição de abertura do evento intitulada "O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis". Anderson Carlos Santos de Abreu, na época coordenador da Casa da Memória (espaço de pesquisa etnográfica que trabalha com o patrimônio imaterial de Florianópolis), mostrou-se solícito à minha pesquisa participando de uma entrevista estruturada com cinco perguntas abertas enviadas por e-mail (APÊNDICE A).

Como diretriz para a análise das imagens fotográficas foi definido iniciar com a descrição formal da imagem para destacar elementos que constituem conexões com os temas propostos: ambiental e cultural. Esta conexão é evidenciada com detalhamentos e discussões com teóricos que desenvolveram estudos acerca de temas sociais, étnicos, econômicos e políticos em suas obras.

Minha intenção não é fazer uma análise técnica ou estética da arte de um ou outro fotógrafo, e sim buscar na análise das imagens fotográficas premiadas do evento, por meio de um "diálogo", tendo em mente (a resposta para) a hipótese apresentada.

De acordo com Barthes²⁴ (1984, p. 16), "seja o que for que ela dê [a fotografia] a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos". Não é ela, somente ela, que determina sua mensagem, uma vez que ela é o resultado do olhar do *Operator*²⁵ que, naquele momento captado, determina a sua aventura. Há algo na fotografia que o *Spectator*²⁶, neste caso, somente ele, desvela da aventura o

²⁴ Roland Barthes: Escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês (1915-1980).

²⁵ Na análise de Barthes (1984, p.21) o *Operator* [o fotógrafo] possui uma "visão recortada pelo buraco de fechadura da câmera escura"; e

²⁶ O *Spectator* é aquele que possui "[...] duas experiências: a do sujeito olhado e a do sujeito que olha" (BARTHES, 1984, p.21).

*studium*²⁷ da imagem ou o que ela desperta de relevante, de urgente, de pungente: o *punctum*²⁸.

Busquei, então, identificar essa pungência na análise do recorte definido das fotografias da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

4 ANÁLISE DAS VINTE MELHORES IMAGENS FOTOGRÁFICAS DO EVENTO

O recorte de pesquisa, com as vinte melhores imagens fotográficas da 25ª edição da Maratona Fotográfica de Florianópolis possibilita a exposição das imagens em forma de um painel cosmopolita composto de vários olhares da cidade. Convido, então, que seja visualizado o referido painel (APÊNDICE B - Painel da Cidade) composto por mim, antes da sequência das análises individuais. As várias realidades captadas em diferentes momentos e locais possibilitam uma reflexão inicial do leitor acerca do objetivo da pesquisa.

A identificação do(s) elemento(s) - *punctum* - que proporciona(m) uma relação pungente com os temas transversais (ambiental e cultural) atribuídos à Educação Ambiental é descrito de forma a trazer à tona a sua discussão com os demais temas.

Procurei pela essência em cada descrição formal das imagens fotográficas. A percepção de cada elemento que forma o todo. A identificação dos detalhes, as nuances, em um exercício de descrição visual acessível para todos, característico da Educação Inclusiva. Na sequência, busquei interpretar as realidades captadas pelos fotógrafos em um diálogo com os diversos temas transversais da Educação Ambiental sempre atento aos fatos ocorridos ao redor do planeta.

4.1 Grupo 1 = Expansão Urbana - Segregação Racial, Social e Econômica (Fotos: 01, 07 e 15)

²⁷ O *studium* é o que mais se aproxima do que o *Operator* capta, “[...] que não quer dizer, pelo menos de imediato, ‘estudo’, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular” (BARTHES, 1984, p.45).

²⁸ O *punctum*, se mostra como o “[...] elemento que vem quebrar (ou escandir) o *studium*. [...] *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte [...] é esse acaso, que nela [fotografia], me *punge* (mas também me mortifica, me fere)” (BARTHES, 1984, p.46).

Figura 4 - Fotografias Grupo 1



F01



F07



F15

Fonte: Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

4.1.1 Prefácio: A imensidão da cidade - uma visão do morro. Desafiante e/ou assustador?

Quadro 4 - Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 1

Descrição formal da imagem fotográfica 01

Fotógrafo: Paula Eduarda Michels

A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Mostra em primeiro plano um grupo de três crianças de costas, lado a lado, aparentemente duas meninas e um menino afrodescendentes, olhando a cidade de um ponto mais elevado. O menino, no meio das duas meninas, é a única criança que não se apoia em uma corda esticada a sua frente que serve de barreira física limitando o acesso à área íngreme logo a seguir.

As crianças observam abaixo a cidade de forma afunilada, compondo um acumulado de imóveis altos e baixos que são limitados pelo mar tanto do lado esquerdo como direito da imagem.

Ao fundo se amplia horizontalmente a faixa de terra apresentando uma área também ocupada por construções e mais ao fundo ainda uma área formada por montanhas relativamente baixas ocupando o espaço horizontal da imagem.

Descrição formal da imagem fotográfica 07

Fotógrafo: Murilo Matos Mendonça

A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Apresenta em primeiro plano uma parte de uma habitação com tijolos e madeiras aparentes. Pela abertura da porta visualiza-se varais com roupas penduradas com grampos junto a um peitoril. Acima dos varais uma gaiola pendurada com um pássaro.

Ao fundo, uma vista da cidade com prédios altos e atrás deles uma faixa de água e montanhas. Em um plano intermediário um poste de concreto com inúmeros cabos elétricos obstrui a visão da cidade.

Descrição formal da imagem fotográfica 15

Fotógrafo: Vanessa Soares

A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação vertical. Expõe uma escadaria íngreme com muros altos em ambos os lados. Do lado esquerdo junto à escadaria tem-se vegetação rasteira, e do lado direito árvores sobressaem-se por cima dos muros altos. Uma grande quantidade de fios e cabos atravessam a escadaria de um lado ao outro. Ao fundo uma vista da cidade onde, coberta por uma névoa fina, aparecem ruas, áreas verdes, trapiche e pontes que atravessam uma grande área marítima.

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.1.2 Análise das Imagens do Grupo 1

Santos²⁹ (1982), quando pensa na mudança de modelo de crescimento

²⁹ Milton Santos: geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor (1926-2001).

econômico, afirma que

pobreza e riqueza são realidades antagônicas, embora complementares, pois uma não pode existir sem a outra. O problema de eliminar a pobreza, isto é, de suprimir as diferenças de renda criadas por um processo produtor gerador de desigualdades, supõe uma mudança no próprio processo produtivo, o que vale dizer, das relações do homem com a natureza e dos homens entre si (SANTOS, 1982, p. 49). [...] Tudo, pois, conspira para que a organização do espaço se perpetue com as mesmas características, favorecendo o crescimento capitalista e as suas distorções (SANTOS, 1982, p. 53).

O crescimento desordenado das cidades produz um acúmulo de construções e verticaliza a paisagem urbana. A valorização do espaço urbano³⁰, a especulação imobiliária e a conseqüente necessidade de ampliação da infraestrutura (ruas e acessos asfaltados) impermeabiliza o solo eliminando áreas de infiltração para as águas pluviais (parques e áreas verdes) causando inundações e limita o acesso dos habitantes às áreas abertas de convívio com a natureza. Como resume Carlos³¹ (1992), a paisagem urbana revela-se como a expressão da ordem e ao mesmo tempo do caos.

A população considerada de baixa renda (quando comparada àquelas que ocupam e verticalizam a cidade) é literalmente colocada à margem daquele crescimento citadino e passa a ocupar áreas menos valorizadas nos morros e áreas mais isoladas com limitações de acesso, de segurança e de infraestrutura (elétrica, telefônica e dados, além de saneamento básico). São em sua maioria pessoas negras e pardas em busca de novas oportunidades de trabalho e qualidade de vida (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2019, p. 1-5).

Com a crise na saúde pública gerada pela pandemia de COVID-19 (desde 2020), tornaram-se intensas “as repercussões e impacto sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das pandemias”³².

A imensidão da cidade - uma visão do morro. Desafiante e/ou assustador? O desafio é constante para sobrevivência em uma sociedade que julga, condena e isola sem direito de participação, sem direito de resposta, sem direito do ser humano ser quem

³⁰ “Bairro de Florianópolis sobe limite de prédios de 2 para 16 andares com mudanças no Plano Diretor”. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/renato-igor/bairro-de-florianopolis-sobe-de-2-para-16-andares-com-mudancas-no-plano>. Acesso em 10 nov. 2022.

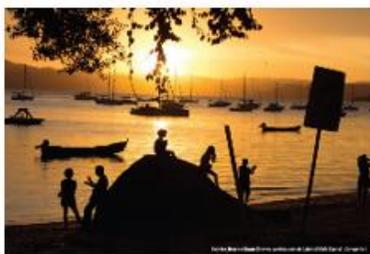
³¹ Ana Fani Alessandri Carlos: Geógrafa. Professora titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

³² Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>.

é; cidadão.

4.2 Grupo 2 = Mares, Rios, Lagos e Lagoas – Acesso à Natureza (Fotos: 02 e 14)

Figura 5 - Fotografias Grupo 2



F02



F14

Fonte: Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis

4.2.1 Prefácio: Meio ambiente natural preservado e em convívio sustentável com o ser humano... Realidade ou utopia?

Quadro 5 - Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 2

Descrição formal da imagem fotográfica 02

Fotógrafo: Sandra Regina Kraus

A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. A imagem apresenta uma visão praiana onde adultos e crianças em primeiro plano, na faixa de areia e junto a uma grande pedra, conversam, fotografam e apreciam a paisagem. Ao fundo o sol se põe atrás das montanhas refletindo sua luminosidade no espelho d'água da praia onde vários barcos e veleiros estão atracados. Esta luminosidade amarelada do pôr do sol torna todos os outros elementos presentes na fotografia escurecidos na cor preta.

Descrição formal da imagem fotográfica 14

Fotógrafo: Guilherme Gôes

A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Tem-se uma visão de uma área de terra (aparentemente de areia) com uma pequena área retangular coberta por uma estrutura de madeira sustentada por seis pilares finos. Ao fundo um céu estrelado ao anoitecer.

Fonte: elaborada pelo autor.

4.2.2 Análise das Imagens do Grupo 2

As referidas imagens transmitem paz e tranquilidade. Quase é possível sentir a serenidade do momento captado nas imagens fotográficas. Mas também possibilita trazer à pauta a poluição dos mares, lagos e rios pelo mundo. O grau de degradação destes ecossistemas que são atacados com o descarte inadequado de todo tipo de resíduo

inorgânico, principalmente os plásticos³³, destruindo a fauna e a flora e impossibilitando o uso destas áreas para o lazer humano de forma segura e saudável.

Há ainda que considerar as ligações clandestinas de esgoto sanitário realizadas diretamente ao meio natural sem qualquer tratamento prévio e os desastres ambientais que devastam a fauna e flora desde pequenas à enormes áreas aquáticas como os vazamentos de óleos³⁴ e de petróleo das plataformas de extração do combustível fóssil.

As dunas, que transmitem tranquilidade e liberdade para prática de esportes e descanso, também estão sujeitas às interferências humanas com aberturas de estradas que cortam suas áreas resultando na falta de segurança aos motoristas (pela ação do vento que altera diariamente a formação dessas dunas) e a invasão de áreas protegidas para construções irregulares.

Meio ambiente natural preservado e em convívio sustentável com o ser humano... Realidade ou utopia? A realidade, apresentadas constantemente nas mídias, nos mostra que o ser humano tem pensado nada além de seu cercado, além de suas fronteiras físicas e emocionais, envolvido em mundo capitalista que pede socorro com queimadas, desmatamentos, fome, sede e saúde.

³³ “A Ilha de Plástico no Pacífico - O continente de plástico que flutua nas águas do Pacífico. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/meio-ambiente/ilha-de-lixo-pacifico-setimo-continente>”. Acesso em 14 nov. 2021.

³⁴ “Jacarés são encontrados mortos boiando em córrego de Florianópolis”. g1.globo.com - Por Carolina Fernandes e Talita Catie – 07 nov. 2021. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/rio-onde-jacares-morreram-em-florianopolis-passa-por-limpeza-para-retirada-de-oleo>. Acesso em: 14 nov. 2021.

4.3 Grupo 3 = Acesso à Cidade – Usufruto do Espaço Público (Fotos: 03, 09, 17, 18 e 19)

Figura 6 - Fotografias Grupo 3



F03



F19



F18



F09



F17

Fonte: Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

4.3.1 Prefácio: Liberdade de expressão e exercício cultural no espaço urbano. O direito de ser quem sou na cidade parte de mim.

Quadro 6 - Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 3

<p>Descrição formal da imagem fotográfica 03 Fotógrafo: Thais Dela Roca Fernandes A imagem é uma fotografia em preto e branco com formato retangular e orientação horizontal. A imagem apresenta em primeiro plano uma pessoa do sexo masculino, aparentemente idoso, com um microfone em uma das mãos enquanto a outra mão faz um sinal de positivo em direção a alguém em um ponto mais alto que não aparece na imagem. Em segundo plano uma construção com várias portas ou janelas cuja parte superior é em formato de arco. Entre os planos passam pessoas. A imagem possui um efeito artificial onde o fotógrafo desfoca tudo que está ao redor da pessoa idosa.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 09 Fotógrafo: Arthur Deltregia Reys A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação vertical. Apresenta uma visão de baixo para cima de um balanço de criança vazio em movimento feito de correntes. Ao fundo da imagem noturna, na parte inferior, aparecem copas de árvores.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 17 Fotógrafo: Ana Paula Soukef A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação vertical. A imagem apresenta em primeiro plano uma criança de sandálias e boné. De costas ela carrega uma pipa de rabiola extensa caminhando ao longo de uma rua calçada de lajotas. Ao fundo, um muro de pedras suporta uma construção de tijolos aparentes. Na base do mesmo, resíduos de construção civil.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 18 Fotógrafo: Daniel Garcia Vaz A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Mostra um menino de capacete, joelheiras e sem camisa, no ar, sobre um skate em uma pista específica para a prática do esporte com estrutura de iluminação. O local é cercado nas laterais com gradil em toda a extensão. Em segundo plano, ao lado direito avista-se construções ao longo do alicive do morro onde se mantém alguma vegetação preservada.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 19 Fotógrafo: André Franco Cardoso A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. A imagem mostra em primeiro plano, em uma área de calçamento, um homem sem camisa no ar de cabeça para baixo com as pernas retraidas. Próximos, em banco de praça, dois homens (um sentado e outro em pé e de costas), aparentemente estão indiferentes à cena. Já outro homem, sentado em outro banco observa a atividade. Ao fundo, um imóvel de fachada horizontal ocupa toda a extensão da foto. Atrás da construção um morro arborizado.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.3.2 Análise das Imagens do Grupo 3

A exclusão, a limitação e o segregamento daqueles que formam a cidade.

Os exemplos são inúmeros. À sociedade é tirada [sic] o direito à cidade. A propriedade privada disciplina o uso - quem não tem acesso à propriedade da terra é invasor - determinando a distribuição das atividades e os acessos ao solo enquanto a polícia "mantém a ordem". Até os espaços públicos (secretarias de governo, praças, avenidas) são subtraídos à sociedade, na medida em que seu uso é determinado pelas circunstâncias. (CARLOS, 1992, p. 86)

Nessas imagens fotográficas podemos problematizar a liberdade de expressão. O direito de uso do espaço citadino; o espaço de livre manifestação cultural, social, política e para o lazer por todos os credos, etnias e classes sociais.

Carlos (1992, p.87) ratifica que, “o contato citadino com o outro implica na descoberta de modos de vida, problemas e perspectivas comuns.” O efeito aplicado na imagem fotográfica F03, em branco e preto, pode ser também interpretado pelo sujeito que olha a imagem como a relevância da individualidade e o poder que cada realidade emana, e que deve ser respeitada e valorizada, como também uma forma de trazer à reflexão a relação entre igualdade e equidade existente na sociedade.

O direito de ser criança também é visível e pulsante nas demais imagens fotográficas conforme determina a Constituição Brasileira em seu artigo 227,

é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária [...].

Liberdade de expressão e exercício cultural no espaço urbano. O direito de ser quem sou na cidade parte de mim. O ambiente citadino deve ser um ambiente de convívio de crianças, jovens e adultos, de troca de experiências, de liberdade e respeito. Meio ambiente compartilhado e seguro onde diferenças são hibridizadas em favor de um mundo melhor para se viver.

4.4 Grupo 4 = “Selva de Pedra” – Aquecimento Global (Fotos: 05 e 11)

Figura 7 - Fotografias Grupo 4



F05



F11

Fonte: Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

4.4.1 Prefácio: Cada vez mais os seres humanos estão envolvidos pelas peças de concreto. Até quando as belezas naturais serão reais? Tornar-se-ão apenas lembranças?

Quadro 7 - Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 4

<p>Descrição formal da imagem fotográfica 05 Fotógrafo: Lucas Selau A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Uma mulher vestida com maiô, touca e óculos de natação (além de outro óculos colocado na cabeça) está sentada em uma cadeira de praia, de botas de cano alto com os pés em uma bacia. Em segundo plano, encontram-se materiais e equipamentos usados na construção civil encostados em uma parede: um tonel, uma betoneira e uma quantidade de areia que ocupa horizontalmente a metade da área da fotografia. Todos os elementos estão em uma vaga de estacionamento demarcada no piso.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 11 Fotógrafo: Amabilly de Lima Ribeiro Higinio A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. A imagem mostra, ao longo da areia praiana, a sombra de uma pessoa de braços abertos e cabelos compridos ao vento. Parte da pessoa aparece do lado esquerdo da foto enquanto que a água quase “toca” a sua sombra.</p>

Fonte: elaborada pelo autor.

4.4.2 Análise das Imagens do Grupo 4

As imagens fotográficas provocam o sujeito quanto à intrusão do ser humano no meio ambiente natural. O crescimento sem limites das construções com função residencial e comercial ocupando espaços como áreas verdes e, inclusive, áreas de preservação. Em algum momento a humanidade não terá mais usufruto das belezas naturais como praias, rios e lagoas? É de senso comum, noticiada pela mídia escrita e televisiva, estudos que advertem sobre a necessidade de limitação de tempo de exposição ao sol devido aos malefícios dos raios ultravioletas cada vez mais incidentes em diversos pontos da terra, resultado dos danos à camada de ozônio. Em alerta, a plataforma científica *Climate Action Tracker* apresenta uma previsão de aquecimento global de 2,4°C até o final do século³⁵ resultado da enorme quantidade de gases do efeito estufa dissipados no ar - principalmente o Dióxido de Carbono (CO₂) e o Metano (CH₄). Nas praias, pelos mesmos canais de informação, é visualmente possível identificar, a diminuição das faixas de areia e as ressacas do mar cada vez mais presentes e intensas.

Como já descrito, ratifico o crescimento imobiliário, desenfreado sem compromisso sustentável, como fator determinante na eliminação de importantes áreas de infiltração para as águas pluviais, o que acaba causando inundações onde as águas carregam resíduos de todo e qualquer tipo disseminando doenças entre a população.

³⁵ “Relatório estima que planeta deve aquecer 2,4° C até o fim do século”. Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/relatorio-estima-que-planeta-deve-aquecer-24-c-ate-o-fim-do-seculo-09112021>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Cada vez mais os seres humanos estão envolvidos pelas peças de concreto. Até quando as belezas naturais serão reais? Tornar-se-ão apenas lembranças? Até quando o ser humano, de forma imediatista, ocupará o espaço terrestre sem restrições? Não há falta de conhecimento para interromper este processo, apenas um regime capitalista desgastado assumido por todos.

A partir do momento que seja necessário usar da artificialidade das coisas para alcançar a simulação do contato com o ambiente natural (foto F05) será a confirmação que não há mais o que proteger.

4.5 Grupo 5 = Rastros da Memória – Realidades Individuais (Fotos: 12, 13 e 20)

FIGURA 8 - Fotografias Grupo 5



F12



F13



F20

Fonte: Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis.

4.5.1 Prefácio: As verdades de cada ser humano e a falta de empatia; o consequente isolamento e esquecimento.

Quadro 8 - Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 5

<p>Descrição formal da imagem fotográfica 12 Fotógrafo: Line Luiza A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. A imagem apresenta o resultado de sobreposição de várias imagens. Vê-se faixas de pedestres onde várias pessoas transitam, porém é impossível evidenciar quem é quem pelo efeito "fantasmagórico" gerado pela sobreposição. Ao fundo vários imóveis se sobrepõem causando o mesmo efeito.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 13 Fotógrafo: Chico Caprario A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Apresenta uma ambientação noturna da cidade. Um imóvel de esquina com luminoso nas cores vermelho e branco quase não aparece em função da escuridão no local. Ao fundo, apenas um poste de iluminação pública onde, próximas, duas pessoas caminham ao longo de um muro alto.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 20 Fotógrafo: Alisson Lima Moraes A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Ela mostra uma vista lateral de uma escadaria com baixa luminosidade. A escadaria possui um patamar transitório e corrimão central duplo. Ao fundo uma coluna e paredes revestidas com peças de mármore.</p>

Fonte: elaborada pelo autor.

4.5.2 Análise das Imagens do Grupo 5

As imagens fotográficas provocam reflexões acerca da representatividade e valor de cada vida, cada história, cada rastro de experiência profissional e memória humana. A taxa de desemprego no Brasil chegou a atingir 12,6% no final do terceiro trimestre de 2021³⁶. Reflexos socioeconômicos são verificados de imediato no dia a dia das famílias que precisam, a todo custo, buscar alternativas de sobrevivência. Isto resulta em alternativas de moradia aquém do mínimo necessário para sua saúde e segurança familiar; busca de alternativas de emprego em qualquer turno de trabalho e em quantos forem necessários.

A imagem fotográfica F13 expõe o ambiente noturno que encobre quem ali passa ou já passou; os motivos, a necessidade; a pouca luminosidade não apresenta certezas, somente suposições.

As verdades de cada ser humano e a falta de empatia; o conseqüente isolamento e esquecimento. Em tempos de pandemia de COVID-19 (desde 2020) as poucas oportunidades de trabalho diminuem, os dias ficam mais longos e a dignidade humana fica resumida à necessidade de sobrevivência.

Do que se esquece e é esquecido ficam rastros neste espaço cidade.

4.6 Grupo 6 = Patrimônio Material e Imaterial (Fotos: 04, 06, 08, 10 e 16)

³⁶ <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Figura 9 - Fotografias Grupo 6



F04



F10



F16



F06



F08

Fonte: Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis

4.6.1 Prefácio: O respeito à cultura. O patrimônio material e imaterial preservados para quê e para quem?

Quadro 9 - Descrição formal das imagens fotográficas do Grupo 6

<p>Descrição formal da imagem fotográfica 04 Fotógrafo: Leandro Reichert A imagem é uma fotografia em preto e branco com formato retangular e orientação horizontal. A imagem mostra homens em fila (à esquerda e à direita) na faixa de areia puxando do mar uma rede grande de pesca. Um deles segura um peixe que talvez tentasse fugir da rede. Outros também a puxam se posicionando dentro do mar onde a água se nivela abaixo de seus joelhos. Em segundo plano alguns barcos pesqueiros ancorados, e mais ao fundo uma ilha.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 06 Fotógrafo: André Espig A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. A imagem coloca à disposição, em primeiro plano, um buraco em uma chapa, aparentemente de madeira, por onde pode-se ver um imóvel na cor amarela com esquadrias em verde e fachada com pichações. À sua frente um coqueiro com altura maior que sua estrutura e, à frente da árvore, montes de terra de diversas alturas.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 08 Fotógrafo: Adriano José Assis A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Imagem de uma construção de pedras com iluminação externa, em ótimo estado de conservação, acima de um monte coberto por gramíneas, árvores, pequenos arbustos e pedras. Uma guarita de observação indica se tratar de uma fortificação ou fortaleza de proteção do lugar.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 10 Fotógrafo: Fahya Kury Cassins A imagem é uma fotografia colorida com formato retangular e orientação horizontal. Apresenta uma visão interna do que, aparentemente, seja um moinho de fabricação de cachaça. Uma parede de madeira do lado direito da foto é coberta por escritas na cor branca onde um calendário fica pendurado. Em segundo plano, uma geladeira, uma mesa, banco e cadeira de madeira. Várias garrafas de diferentes tipos estão apoiadas na mesa, no chão e em uma estante lateral. Ao fundo vários barris de madeira deitados e em pé em diferentes alturas apoiados em estruturas de blocos de concreto.</p>
<p>Descrição formal da imagem fotográfica 16 Fotógrafo: Jefferson Bataglin Cezimbra A imagem é uma fotografia em preto e branco com formato retangular e orientação vertical. Ela mostra uma visão noturna de uma guarita de observação externa própria de um forte ou fortificação. A estrutura é iluminada de dentro para fora escurecendo tudo ao seu redor.</p>

Fonte: elaborada pelo autor.

4.6.2 Análise das Imagens do Grupo 6

A imagem fotográfica F04 apresenta a cultura da pesca artesanal. A arte do pescador que puxa sua rede em equipe; que divide o resultado da pesca por todos da comunidade pesqueira local. A necessidade da preservação do ambiente marinho e o respeito às leis que proíbem a pesca na época da desova dos peixes para garantir sua reprodutibilidade e a subsistência das famílias. Conforme Porto-Gonçalves (2006, p. 207), “a alimentação é uma questão-chave para a reprodução das espécies, tanto quanto o acasalamento e a proteção (abrigo) dos filhos constituindo habitats [sic] e hábitos, territórios e culturas.” Traz-se à tona discussões sobre projetos de ampliação de faixas de areia que deslocam vilas de pescadores e seus barcos e que, quando colocados em prática, remexem a sua matéria orgânica interferindo também na temperatura da água e conseqüentemente na vida marinha. Quando os interesses políticos e econômicos são colocados à frente da preservação do patrimônio material e à frente da valorização da cultura local, do “saber fazer” (imaterial), dos rastros deixados pelas gerações interferem diretamente no *modus vitae* de toda uma população. Outro exemplo é a imagem fotográfica F10 que remete a um moinho de fabricação de cachaça artesanal que aproxima as novas gerações ao conhecimento da história e evolução das técnicas e refino de bebidas aguardentes.

As fortificações (F08 e F16) que narram as batalhas, o sangue derramado, as atrocidades humanas que devem se manter visíveis para que toda a história não seja esquecida e tampouco repetida.

O respeito à cultura. O patrimônio material e imaterial preservados para quem e para quem? O que fomos e o que somos. Rastros devem ser preservados para que possamos regressar no tempo quando necessário e aprender com os erros e acertos da humanidade.

Cabe aqui ressaltar um exemplo em particular, que foi a conquista do registro de Patrimônio Cultural Imaterial de Santa Catarina obtido para a pesca artesanal da tainha na praia do Campeche. Uma ação conjunta entre professores e estudantes do Instituto Federal de Santa Catarina (Campus Florianópolis-Continente e Campus Florianópolis) e a Associação de Pescadores Artesanais do Campeche.

O 'Termo de Registro da Pesca Artesanal da Tainha no Campeche como Patrimônio Cultural de Santa Catarina' foi entregue pela FCC à Associação de Pescadores Artesanais do Campeche, em 1º de maio de 2019, em cerimônia que sucedeu a 14ª missa de abertura da safra da tainha. A manifestação cultural foi inscrita no Livro I, do 'Registro dos Saberes', como registro de número Três (HICKENBICK; SCHEMES, 2020, p. 20).

Não há presente sem passado, e quem sabe, que futuro haverá...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu interesse pela educação nasceu naturalmente, quando passei a trabalhar com a gestão da qualidade e a gestão de pessoas. A educação corporativa torna-se elemento essencial na busca da excelência da qualificação da equipe, resultando na satisfação individual do colaborador e em seu crescimento profissional.

A oportunidade em acompanhar as Unidades Curriculares do curso de especialização em Educação Ambiental e participar dos debates e discussões com os demais alunos e professores me instigaram a compor relações e devaneios acerca da Educação Ambiental formal e não formal; conhecer e entender a dificuldade de aplicação no currículo dos temas transversais característicos desta Educação Ambiental.

Desta forma, no decorrer do aprendizado quando fui apresentado ao texto de Cassiano Quilici³⁷ intitulado O Campo Expandido: arte como ato filosófico, pude conhecer a amplitude de possibilidades que a arte pode oferecer, e refleti: por que não expandir os campos da arte em prol da Educação Ambiental?

Por meio da leitura de Machado (2019), já apresentada no decorrer desta monografia (p. 15), mergulhei na essência da arte, pois a essência de cada campo apesar de isolada não é inerte. Seus respectivos campos divergem e convergem constantemente, gerando reflexo em suas essências.

³⁷ Cassiano Sydow Quilici: Mestrado em Antropologia Social no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas pela Universidade Estadual de Campinas e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós doutorado em Artes Cênicas pelo Centro de Estudos Teatrais da Universidade de Lisboa.

Envolvido em uma organização de pensamentos, trouxe para discussão a arte da fotografia e a educação crítica num amadurecimento de ideias que resultou neste trabalho de conclusão de curso.

A Educação Ambiental é uma realidade inclusiva. Aponta para os temas essenciais à vida humana. Aponta e propõe dialogar com estes temas em prol de um convívio ambiental harmonizado para que seja duradouro. Veiga (2010) expõe uma reflexão que avalio como preponderante.

Embora sejam valorizadas prioridades imediatistas, às vezes até como forma de 'superar' o subdesenvolvimento, é preciso que sejam deflagradas, sempre e continuamente, oportunidades de educação ambiental e de manifestações de respeito, ao patrimônio edificado e ambiental, nem tanto como um exercício curricular das escolas, mas como uma autêntica prática de cidadania (VEIGA, 2010, p. 342).

Esta pesquisa demonstra que a arte, em seu campo expandido, pode ser utilizada como uma aliada à educação crítica. Aqui apresentada em uma de suas vertentes (a fotografia), estimula a busca pelo entendimento do cotidiano; do que nos cerca. O estudo acaba por estimular a busca pela análise da relação (hibridização de núcleos) entre a educação crítica e outros campos da arte como a música, o cinema ou o teatro.

Durante a revisão bibliográfica, inicialmente proposta, senti a necessidade de ampliar seu escopo perpassando pelo repertório de outros autores que foram essenciais nas discussões sobre a Educação Ambiental, seus temas transversais e a fotografia, o que contribuiu de sobremaneira para o resultado da pesquisa.

A formação dos seis grupos de análise das imagens fotográficas, aglutinando os temas culturais e ambientais proporcionaram de maneira assertiva a organização das essências das imagens, trazendo à discussão assuntos fundamentais para o estudo.

A investigação de registros fotográficos da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis possibilitou refletir acerca dos temas transversais atribuídos à Educação Ambiental, alcançando os objetivos previstos aludindo ao evento como um agente de Educação Ambiental não formal.

Tal entendimento é ratificado pelo professor Anderson, quando responde às perguntas 4 e 5 da entrevista parte integrante deste artigo (APÊNDICE A). Ao ser perguntado se percebia uma relação possível para o público visitante das imagens

fotográficas com alguns temas transversais da Educação Ambiental (sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos), afirmou:

Sim, com certeza há esta relação. Pois, consideramos os temas transversais sobre Educação Ambiental sensível às questões que envolvem patrimônio material e imaterial. Logo, esta relação nos permite pensar e considerar quais os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos envolvem as discussões sobre a Educação Ambiental. Assim sendo, a Maratona Fotográfica, vinculando estas discussões, pode servir para nos auxiliar a pensar em uma Educação Ambiental voltada para a conscientização e tomada de decisões com mudanças de atitudes [...] (ABREU, 2022).

Anderson ainda relata o seu entendimento de que a Maratona Fotográfica de Florianópolis pode ser definida como um agente de Educação Ambiental não formal,

[...] pois o uso destas imagens fotográficas pode trazer um sentimento de pertença ao sujeito. Esse pertencimento imprime no sujeito a sensação de organicidade fundamental para que haja uma percepção da dimensão dos problemas socioambientais. Assim sendo, é possível que esse pertencimento estenda-se da comunidade local para a comunidade global e, desse modo, revele ao sujeito a importância do pensar global e agir local para contribuir no processo de transformação social (ABREU, 2022).

Conforme elucida Anderson, o acervo composto pelas fotografias “está organizado e catalogado na Casa da Memória e possui mais de mil fotos. Sua organização está classificada por categorias/palavras-chaves que compreendem as manifestações materiais e imateriais de Florianópolis.”

Pesquisar sobre o evento Maratona Fotográfica de Florianópolis possibilitou-me, além de responder minha pergunta inicial de trabalho, diagnosticar o potencial de seu acervo e da sua vigésima quinta edição.

Acervo este que está à disposição para também ser apresentado e discutido no ensino formal oportunizando sua exploração como uma atividade de educação inclusiva – identificada nesta pesquisa na etapa de descrição formal das imagens fotográficas – e corroborando para compor práticas educativas com o objetivo de propor uma reflexão crítica sobre o tempo e espaço imbricados na cidade em que os alunos habitam. Ou seja, propor como o próprio título do evento instiga, uma [re]visitação à cidade de Florianópolis.

Por tudo apresentado e com vistas a um processo seletivo de mestrado na área da educação, vislumbro ampliar a investigação iniciada, destacando a acessibilidade que existe ao material do evento.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. C. S. de. **Entrevista com curador da exposição de abertura do evento.** APÊNDICE A. Entrevista realizada por Rodrigo Kincheski por e-mail em 11 fev. 2022.

ANIC, L. C. **A realidade da imagem não é a do fato.** Gama, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/formato/conversas/a-realidade-da-imagem-nao-e-a-do-fato/>. Acesso em: 15 out. 2021.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.** 8ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8ª edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. Obras Escolhidas. V.1. p. 97 – 115 e 188 – 192. BRASIL.

CARLOS, A. F. A. **A Cidade.** São Paulo: Contexto, 1992 - Coleção repensando a geografia.

CONSTITUIÇÃO (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CPBR6 - Linguagem fotográfica e leitura da imagem. [S.L.: s.n], 2013. 1 vídeo (1:12:11). Publicado pelo canal Campus Party. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5eGqbP9I_Us. Acesso em: 15 out. 2021.

DESCONDICIONAMENTO do olhar com Cláudio Feijó em diálogos 297. São Paulo: Creative Commons, 2017. 1 vídeo (1:31:05). Publicado pelo canal mau & amigos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sr2wRKmukoo>. Acesso em: 15 out. 2021.

FUNDAÇÃO CULTURA DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES. Cidade [re]visitada – Catálogo da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis. Florianópolis: FCFFC, 2019. Disponível em: Disponível em:

http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/maratonafotografica/pdf/catalogo_maratona_25.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HELGUERA, P. e HOFF, M. (org.) **Pedagogia no campo expandido**. Tradução de Camila Pasquetti, Camila Schenkel, Carina Alvarez, Gabriela Petit, Francesco Settineri, Martin Heuser e Nick Rands. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

HICKENBICK, C. e SCHEMES, E. F. (orgs.) **Registro da pesca artesanal da tainha no Campeche como patrimônio cultural de Santa Catarina**. Florianópolis: [s. n.], 2020.

IABELBERG, R. **Para Gostar de Aprender Arte: Sala de Aula e Formação de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica**. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, n. 4, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

KRAUSS, R. **A escultura no campo ampliado**. Reedição da tradução de Elizabeth Carbone Baez publicada no número 1 de Gávea, Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura, da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1984, p. 87 – 93.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5a. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUREIRO, C. F. B.; TORRES, J. R. (orgs.) **Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO, A. **A arte e mídia**. 3ª reimpressão. São Paulo: Zahar, 2019.

MACHADO, A. **A ilusão especular: uma teoria da fotografia**. 1ª edição, 2ª impressão. São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

PILLAR, A. D. (org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. Coleção Primeiros Passos. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2010.

QUILICI, C. O campo expandido: arte como ato filosófico. **Sala Preta**, v. 14, n. 2, p. 12-21, dezembro, 2014.

SALGADO, S. Podcast – SOS no Amazonas. *Extra EPS con Montserrat Domínguez. El País*. Publicada em 11 jun. 2020.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TORRES, J. R. **Educação ambiental crítico-transformadora e abordagem temática freireana**. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - CFM/CED/CCB/UFSC, Florianópolis, 2010.

VEIGA, E. V. da. (org.) **A Casa da Chácara da Rua Bocaiúva: Histórias da Praia de Fora**. Coordenado por Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional, Setor do Memorial. Florianópolis: MPSC, 2019.

VEIGA, E. V. da. **Florianópolis: memória urbana**. 3ª edição. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

YUNES, G. S. **Patrimônio cultural e cidade contemporânea**. Alicia Norma González de Castells, Letícia Nardi (orgs). Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

APÊNDICE A - Entrevista com curador da exposição de abertura do evento

Re: Aluno Rodrigo Kinchescki | Especialização em Educação Ambiental | IFSC-SJ



Caixa de entrada x



Anderson Abreu

para mim ▾

sex., 11 de fev. 14:27 ☆ ↶ ⋮

Olá, Rodrigo!
Boa tarde!

Desculpe a demora!
Segue o questionário respondido. Espero que as respostas tragam boas reflexões ao teu trabalho de pesquisa.

Att

Prof. Dr. Anderson Carlos Santos de Abreu

Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA - IFSC - CAMPUS SÃO JOSÉ ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC ALUNO RODRIGO KINCHECKI

ARTIGO CIENTÍFICO | CIDADE [RE]VISITADA: A 25ª MARATONA FOTOGRÁFICA DE FLORIANÓPOLIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL

ENTREVISTA: Anderson Carlos Santos de Abreu, curador da exposição de abertura do evento intitulada “O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis”.

- 1) Conte como aconteceu sua participação como curador da exposição de abertura “O Retrato do Patrimônio da Cidade no Histórico da Maratona Fotográfica de Florianópolis” da 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis. Foi um convite? A idealização do projeto foi sua?**

R. Meu envolvimento com a 25ª Maratona Fotográfica de Florianópolis se deu porque na época eu estava a coordenar a Casa da Memória, espaço de pesquisa etnográfica que trabalha com o patrimônio imaterial de Florianópolis. Além disso, este espaço possui todo o acervo fotográfico de todas as Maratonas Fotográficas que ocorreram. A Idealização do projeto é da Fundação Franklin Cascaes, órgão público que faço parte como colaborador.

2) São muitas as imagens fotográficas que compõem o acervo da Maratona. Como foi “mergulhar” nesta memória? Como este acervo está organizado?

R. Sim, são muitas fotografias que compõem o acervo fotográfico. Mergulhar no banco de imagens da Maratona é adentrar a história de Florianópolis por meio das imagens, as quais retratam não somente paisagens e construções, mas modos de vida, expressões de identidades e manifestações culturais. O acervo está organizado e catalogado na Casa da Memória e possui mais de mil fotos. Sua organização está classificada por categorias/palavras-chaves que compreendem as manifestações materiais e imateriais de Florianópolis.

3) É possível pensar em uma metodologia para a escolha das fotografias e também para a exposição?

R. Sim, com certeza. Aliás é isso que estamos a cada ano aprimorando, pois desde a primeira Maratona Fotográfica estamos compondo os critérios de escolha, bem como as categorias de análise, as quais estão cada vez menos abrindo mão dos quesitos técnicos, apenas, e aderindo aspectos mais estéticos e antropológicos.

4) Minha pesquisa versa sobre Educação Ambiental. Desta forma, pergunto se você percebe uma relação possível para o público visitante das imagens fotográficas com alguns temas transversais da Educação Ambiental (sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos). Em caso positivo, esta relação poderia ser pensada de que forma? Por elementos presentes nas fotografias? Pela paisagem/cena como um todo?

R. Sim, com certeza há esta relação. Pois, consideramos os temas transversais sobre Educação Ambiental sensível às questões que envolvem patrimônio material e imaterial. Logo, esta relação nos permite pensar e considerar quais os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos envolvem as discussões sobre a Educação Ambiental. Assim sendo, a Maratona Fotográfica, vinculando estas discussões, pode servir para nos auxiliar a pensar em uma Educação Ambiental voltada para a conscientização e tomada de decisões com mudanças de atitudes.

5) Para finalizar, você entende que a Maratona Fotográfica de Florianópolis pode ser definida como um agente de Educação Ambiental não formal? Sendo positivo, qual

sua opinião quanto ao uso destas imagens fotográficas dentro e fora da sala de aula como instrumento para a Educação Ambiental?

R. Sim, pois o uso destas imagens fotográficas pode trazer um sentimento de pertença ao sujeito. Esse pertencimento imprime no sujeito a sensação de organicidade fundamental para que haja uma percepção da dimensão dos problemas socioambientais. Assim sendo, é possível que esse pertencimento estenda-se da comunidade local para a comunidade global e, desse modo, revele ao sujeito a importância do pensar global e agir local para contribuir no processo de transformação social.

APÊNDICE B - PAINEL DA CIDADE



F01



F02



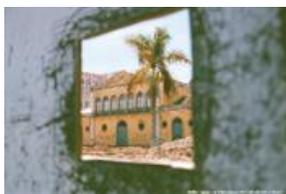
F03



F04



F05



F06



F07



F08



F09



F10



F11



F12



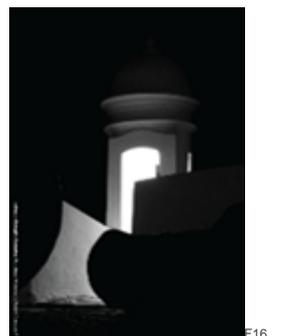
F13



F14



F15



F16



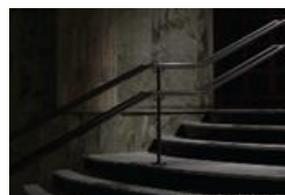
F17



F18



F19



F20